



244

R- 2501

CAT

ALÉ

Além da Água



Edição

Associação de Municípios do Distrito de Beja

Produção

Associação de Municípios do Distrito de Beja
B.N.V.

Direcção Técnica

Manuel Camacho
Ludgero Escoval
Orlando Pereira
Maria do Céu Maldonado
Francisco Fradinho

Direcção Artística

Mar Villaespesa
Jorge Castanho

Artistas Plásticos

António Matos e grupo de alunos da
Escola Superior de Belas Artes, António Sousa,
Catarina Mourão, Cristina Mateus,
Fernando José Pereira, Filipe Alarcão,
Frederico Gúsman, José Manuel Rodrigues,
Marta Wengorovius, Miguel Leal, Paulo Santos,
Pedro Portugal, Pedro Silva Dias, Robin Kahn,
Victoria Gil e Kirbin Gookin

Ensaaios

António Revez, Alberto Pimenta,
Bernardo Pinto de Almeida,
Cláudio Torres e Santiago Macias,
Francisco Ramos, Joaquim Faria Ferreira,
Joaquim Furtado Tavares, José Paulo Martins,
Jorge Castanho, Mar Villaespesa,
Maria Filomena Mendes, Maria Victoria Navas,
Mariana Cascais, Martinho Marques,
Orlando Pereira, Urbano Tavares Rodrigues,
Renano Henriques

Design Gráfico

Coyote designers

Impressão

SOCTIP - Sociedade Tipográfica, S.A.

Depósito legal

nº 135 678/99



— *rio Guadiana*

O Grupo Oito

texto de Ernesto de Sousa

Catálogo da Galeria de Arte Moderna - Belém

“Dizemos
que estamos na idade da Rotura
chamamos-lhe vanguarda tendências
polêmicas
outras coisas

A questão final está
em saber
se temos coragem de aceitar a obra
aberta
ou ainda porfiarmos pelo fecho
da obra

Coragem afinal
porque obra aberta só pode
ser não-obra o desejo do Outro
a diferença
as diferenças incessantes
a loucura e a sua ultrapassagem
necessária e nunca ultrapassada

e a obra fechada
o berço de todas as ilusões
talvez as mais BELAS
por isso te digo outra vez outra vez
meu amor
Núria e o oriente de onde vem tudo
a noite antiquíssima
e idêntica

Mas insistimos
o teu corpo
mesmo adormecido ou longe
não
tem começo nem fim
Tautologia ou heterologia
COMEÇAR
com o teu corpo”

Mértola, o Guadiana e a História

Cláudio Torres e Santiago Macías

Quando o arqueólogo Estácio da Veiga chegou a Mértola, nos princípios de 1877, há muito se extinguiu o esplendor desta antiga cidade. No interior de um Alentejo pobre e distante das grandes vias do litoral, poucos motivos havia para recordar que aquela humilde povoação fora uma importante cidade romana e que chegara a ostentar o título de capital de um reino muçulmano, ao tempo dos emires sevillhanos. Por essa altura, no último quartel do século passado, e apesar da fugaz prosperidade das Minas de S. Domingos, Mértola definhava junto do seu porto, onde já não chegavam mercadores, militares e aventureiros.

Pouco antes, em 7 de Dezembro de 1876, o caprichoso Guadiana subira até níveis nunca antes vistos: “depois de copiosíssimas e incessantes águas pluviais, (...) teve lugar uma execranda e nunca cogitável enchente do Guadiana, que nos dias 6 e 7 de Dezembro foi assustadora tomando na noite d’este último dia, a horas adiantadas, proporções immensas e aspecto diluvial”, segundo a pitoresca descrição que nos ficou num livro da Câmara.

Quando o rio baixou, ficaram espalhados pelas suas margens os despojos de um passado insuspeito: “por effeito do mesmo alluvião foram achados vestígios d’algumas poucas casas em um sitio d’este concelho, conhecido pelo barranco do azeite, (...) e alli se encontrou uma balança romana de cobre”.

A Estácio da Veiga coube, por incumbência governamental e à medida dos magros orçamentos disponíveis, visitar por várias vezes as margens do Guadiana e desvendar um pouco da grandeza perdida da velha Myrtilis.

Terra desde sempre ligada ao rio, Mértola marca o fim do troço navegável do Guadiana. Implantada sobre um alcantilado rochoso que separa as águas do rio de um seu afluente, esta fortaleza urbana era já célebre entre os geógrafos da Antiguidade pelo sítio excepcional que ocupava, pela sua importância estratégica e pela imponente das suas fortificações.

Dobrada a última curva do rio, o denso casario da cidade apertado pela cintura de muralhas, surgia aos olhos dos navegadores e comerciantes como o final feliz de uma viagem que podia ter começado nos portos longínquos do Mediterrâneo Oriental.

A importância de Mértola ao longo de muitos séculos, da Idade do Ferro ao período islâmico, é apenas explicável pelo papel económico e estratégico do próprio Guadiana. Esta grande artéria fluvial era então a principal porta de acesso a todo o Alentejo interior e a única via de contacto com o Mediterrâneo e a costa atlântica do Magrebe. Roma ficava a pouco mais de uma semana de ventos bonançosos. A África Proconsular (actual Tunísia) talvez nem isso. Para chegar a Sevilha ou Cádiz, bastavam duas curtas jornadas.

A navegabilidade do Guadiana até Mértola permitia um contacto permanente com o mar, ainda que este fosse dificultado por um percurso algo traiçoeiro, apenas acessível a iniciados

conhecedores das correntes, do regime dos ventos e dos difíceis e apertados pontos de passagem entre escolhos.

O velho *Anas* era, portanto, a grande via que em Mértola ligava Aroche, Serpa, Beja e mesmo Évora aos portos mediterrânicos. Por este caminho chegaram e partiram gentes, por ele se importaram luxuosas peças de uso palatino e sofisticadas esculturas, por ele vieram as influências do cristianismo norte-africano e mais tarde do islamismo. Por ele se exportaram os metais que, durante mais de um milénio, fizeram a fama e a prosperidade da região.

Diziam os poetas da Antiguidade que o Sol, ao pôr-se a Ocidente, mergulhava em torrentes de ouro líquido, causando aquelas incandescências de final do dia. A riqueza aurífera e metalífera da Ibéria era porém mais forte que o mito. Sabemos hoje que nas mais inóspitas serranias do Baixo Alentejo interior se exploraram, durante vários séculos, importantes filões de minério.

Esta região foi uma importante área de produção metalífera do Império Romano e do Mundo Antigo. Ao porto fluvial de Mértola afluíam, desde o período pré-romano, o ouro e o cobre das importantes zonas mineiras de Vipasca (Aljustrel) e São Domingos, assim como a prata, o ouro e o estanho explorados nas serras do Noroeste peninsular e que aqui chegavam através da longa Via da Prata. A romanização, com a sua poderosa máquina político-militar, deu uma acrescida dinâmica a todo este território, como vem patente no texto gravado nas placas de bronze de Vipasca, onde é regulamentado o sistema de funcionamento das minas.

Não surpreende, por isso, que Mértola tenha conhecido dias de glória no período imperial. Em particular durante os séculos III e IV várias obras de carácter defensivo beneficiaram *Myrtis*. Temos, em diferentes pontos da povoação, alguns troços monumentais, posteriormente integrados, em sucessivas obras de reparação, nos novos amuralhamentos.

Para lá de um *forum* (junto à actual Igreja Matriz e actualmente alvo de escavações arqueológicas), onde o poder exhibia toda a sua magnificência, a cidade tinha junto ao Guadiana um dos seus principais polos de comércio. Era naturalmente nas ruas junto do porto que se aglomeravam as casas dos mercadores, numa tradição que perdurou enquanto se manteve a importância estratégica do porto fluvial.

A protecção das zonas de desembarque, o controlo da navegação para montante e a necessidade de garantir o abastecimento de água, terão levado, nos finais do século III ou já nos alvares do século IV, à construção da Torre do Rio, uma impressionante e complexa sequência de arcos que, do interior da muralha permitia aceder a um pesado e sólido cubelo que a tradição consagrou como *ponte romana*. Desta obra notável, constituída por um conjunto de seis arquivoltas e cinco torres ao longo de meia centena de metros, falta apenas o coroamento dos arcos e o passadiço superior. Os dois pegões mais volumosos têm planta semicircular e um talha-mar virado a montante de forma a resistir à violência das cheias. O aparelho da torre principal é de silhares nos embasamentos e de placas de xisto nas partes superiores e no arco longitudinal que atravessa todo o conjunto. Esta solução técnica é idêntica e certamente contemporânea do criptopórtico que, na acrópole da cidade, serve de sustentação ao *forum*.

O fim do Império parece não ter afectado a actividade comercial da cidade que continuou a manter intensos contactos com o grande Mar Interior. Os dados arqueológicos disponíveis, ainda que algo dispersos, atestam essa continuidade, nomeadamente com as cidades da actual Tunísia. Os estudos de José d'Encarnação não deixam dúvidas a este respeito: não só estão registadas duas epígrafes de antigos tunisinos que viveram em Mértola nos séculos II e III como recentemente se descobriu o epitáfio de um soldado alistado nos exércitos romanos, nascido em Mértola e falecido nessas paragens do Norte de África.

Entre os séculos V e VIII, em pleno reino visigótico de Toledo, continuam a subir o *Anas* gentes que nada têm de germânicas nem estão relacionadas com quaisquer hipotéticos invasores, conforme prova a antroponímia da necrópole paleocristã de Mértola, estudada há anos por Manuela Alves Dias. Para além de um fundo populacional local regista-se a presença de elementos - e, também, certamente de famílias - oriundos da África do Norte. É nesta terra,

porta marítima do Alentejo, que atestações arqueológicas mais convincentes nos falam da sua presença. Além de uma lápide judaica do século V, várias estelas funerárias cristãs dos séculos VI e VII, escritas totalmente em grego, gravadas em latim com caracteres gregos ou já totalmente em latim mas com onomástica grega ou norte-africana (uma delas, por exemplo, assinala o falecimento de um tal Êutiques, nascido na Líbia no ano de 562 d.C.), provam, já em épocas pré-islâmicas, o intenso relacionamento do Oriente mediterrânico com o Ocidente Ibérico onde se vêm fixar ricos mercadores pertencendo às comunidades judaica ou cristã. De origem oriental, estas famílias ter-se-ão espalhado por todo o Mediterrâneo acompanhando uma actividade mercantil que não cessou com o fim do Império e que, ao contrário, se fixou em cidades como Mértola, Beja, Silves ou noutros pontos do extremo ocidente do mundo romano.

A estas comunidades urbanas coube a assimilação e, mais tarde, a divulgação da nova religião muçulmana que foi afinal a que, nesse momento histórico, melhor se moldou aos seus interesses internacionais e aos circuitos de mercado. A partir, principalmente, do século IX, quando os caminhos do mar se tornaram mais seguros, com portos de abrigo bem policiados, multiplicaram-se as viagens de longo curso em demanda de um Oriente que por essa altura já abria as portas do Mar Vermelho e do Golfo Pérsico às especiarias do Índico e às sedas e brocados do Extremo Oriente.

Foram certamente estes mercadores que, ao longo dos séculos V e VI, fizeram chegar a Mértola as cerâmicas manufacturadas no Médio Oriente e usadas pelas elites locais.

Tais contactos permitiram também a difusão de formas artísticas e de soluções arquitectónicas, como é o caso concreto da basílica paleocristã de Mértola que se relaciona perfeitamente com as suas congéneres tunisinas de ábsides contrapostas. A continuidade dos laços comerciais e a persistência das rotas marítimas do Ocidente Mediterrânico terão sido reforçadas ao longo do período islâmico, conforme o parece atestar a presença maioritária de artigos de fabrico andaluz nos sítios alto-medievais da Ifriqiya - Tunísia e a comprovada importação por Mértola ou Silves de artefactos oriundos dessas paragens.

Ao longo de um rio que, desde sempre, uniu gentes e territórios, raramente foram traçadas fronteiras. Esse foi certamente o caso do Guadiana que, em época romana ou islâmica nunca representou qualquer linha divisória.

Antes dos tempos modernos, em que as linhas de fronteira são traçadas à régua por estratégias militares, os limites regionais e territoriais aproveitavam sempre os acidentes ou as pequenas marcas naturais que pontuam as linhas de cumeada ou festos da serra, acatando invariavelmente os costumes antigos do local. Podemos, por isso, concluir sem receio que as fronteiras da Lusitânia corriam pelos cabeços pedregosos a leste de Aroche e do Andévalo. Desta forma percebe-se melhor a insistência com que esta zona serrana é integrada do lado de Beja e Mértola na delimitação das *coras* e *taifas* durante o período islâmico.

É, nesse sentido, também sintomático que neste território os elementos arquitectónicos dos séculos VI e VII sigam, na sua gramática decorativa, o centro de irradiação de Beja.

Em época islâmica, quase esquecidas as estratégias imperiais e quando, ao contrário, se acentuam os particularismos regionais com a demarcação dos espaços económicos urbanos, toda esta região da margem esquerda do Guadiana, que sempre estivera incluída na Lusitânia e portanto no *conventus* de Pax Julia, continua a fazer parte da *cora* de Beja e mantém, portanto, uma persistente ligação ao Guadiana. Em finais do século IX, durante as movimentações e cumplicidades regionais desencadeadas pelas revoltas *muladis*, a cidade de Aroche pertence invariavelmente ao território de Beja.

A área de influência desta capital regional estender-se-ia, segundo as descrições dos diversos geógrafos, desde o porto de Sines (*Marsa Hasine*) até às terras de Aroche e Alfajar de Peña.

Este vasto território de boa terra de pão e muita serra agreste, esteve ordenado, do ponto de vista económico, até ao século XIII, em função do eixo de Mértola-Beja: a grande cidade e o seu porto.

Esta grande via terrestre, partindo de Mértola, passava por Corte Gafo, Amendoeira-Mosteiro e Salvada, onde seguia para Beja, um pouco mais a Norte, ou desviava para os grandes vaus do Guadiana em direcção a Serpa. Incompreensivelmente, em todos os mapas até hoje publicados sobre as vias romanas no actual território português, decalca-se erradamente o traçado rodoviário entre Mértola e Beja - aberto apenas no séc. XIX - e insiste-se em querer encontrar uma calçada ao longo da grande e plácida avenida fluvial que era o Guadiana. Mértola (tal como Sevilha) foi, nesta zona, o término dos percursos terrestres. Havia realmente uma calçada secundária que de Mértola rumava para o Sul e que foi seguida pelas hostes de Paio Peres Correia na conquista do Algarve. O seu traçado, porém, seguia pela Mina de S. Domingos, por Alfajar de Pena até ao porto de Ayamonte.

Este mundo viria a desmoronar-se com a Reconquista e com a exclusão de Mértola, a partir de 1238, da órbita de influência mediterrânica. Cessa então um comércio de longa distância onde os principais parceiros eram as cidades-porto andaluzas e norte-africanas. No foral de Mértola de 1254, redigido menos de duas dezenas de anos após a integração definitiva da povoação no reino de Portugal, a lista de produtos que seriam trazidos pelo Guadiana cingia-se, quase em exclusivo, a bens correntes de consumo: carvão, alhos, cebolas, junça, cortiça, junco, madeira lavrada e louça.

Sabemos também que, lá para finais do século XIII, o trigo da zona de Serpa aqui chegava para ser embarcado em direcção a outras paragens. O porto de Mértola mantinha ainda uma actividade crepuscular: mesmo em épocas posteriores, quando o declínio se acentua, é ainda junto à Porta da Ribeira e ao longo da Rua Direita (a que se situava ao longo da muralha e fronteira ao rio) que os comerciantes têm as suas lojas.

Mesmo numa altura em que o contacto marítimo não tinha o brilho de outrora, o rio continuava a ser insubstituível fonte de riqueza. As abundantes pescarias que o seu leito proporcionava não escaparam aos olhos cobiçosos dos freires de Santiago. As sucessivas Visitações feitas a esta comenda-mor provam de modo irrefutável a rapacidade dos piedosos frades. Refira-se, a título de exemplo, que na zona para jusante de Mértola, era devido à Ordem o dízimo do pescado. Em frente à vila e mais para cima deviam os pescadores pagar entre 25 e 50% do que pescassem, conforme o local de captura. Pertenciam ainda à Ordem de Santiago, em finais do século XV, cinco azenhas, localizadas a montante da vila, que moíam tanto com a água do rio como com a maré.

Nas Memória Paroquiais de 1758 eram ainda referidos o caudal do rio, a maré que se fazia sentir junto à vila, assim como a imensa riqueza piscícola do rio. Os párocos não esqueceram as pescarias de solhos, sáveis, lampreias, muges, robalos, sabogas e picões. Ou ainda a importância para a economia local das azenhas e moendas que dependiam do rio para laborar.

Em tempos mais recentes seria ainda o Guadiana a acompanhar a aventura mineira de S. Domingos, prolongada durante quase uma centúria. Na primeira república, quando o vapor "Guadiana" fazia a viagem de ida e volta entre Mértola e Vila Real pelo preço de 1\$24, eram outros números e outros recursos que se jogavam na exploração dos metais que fizeram a fortuna de grandes companhias estrangeiras. A inclusão de Mértola nos circuitos económicos mundiais fez-se então, e de modo inexorável, à revelia das populações locais. As rédeas do poder eram detidas não por mercadores mediterrânicos, como outrora, mas por homens de apelido anglo-saxónico e por empresas sediadas em sítios tão longínquos como Londres. Mértola e o Guadiana passavam do protagonismo histórico que em tempos lhes coubera à situação de peças de um xadrez cujo controlo lhes escapava totalmente.



Foto: ANTÓNIO CUNHA

Mértola vista a partir do rio



Foto: ANTÓNIO CUNHA

A Torre do Rio



Foto: ANTÓNIO CUNHA

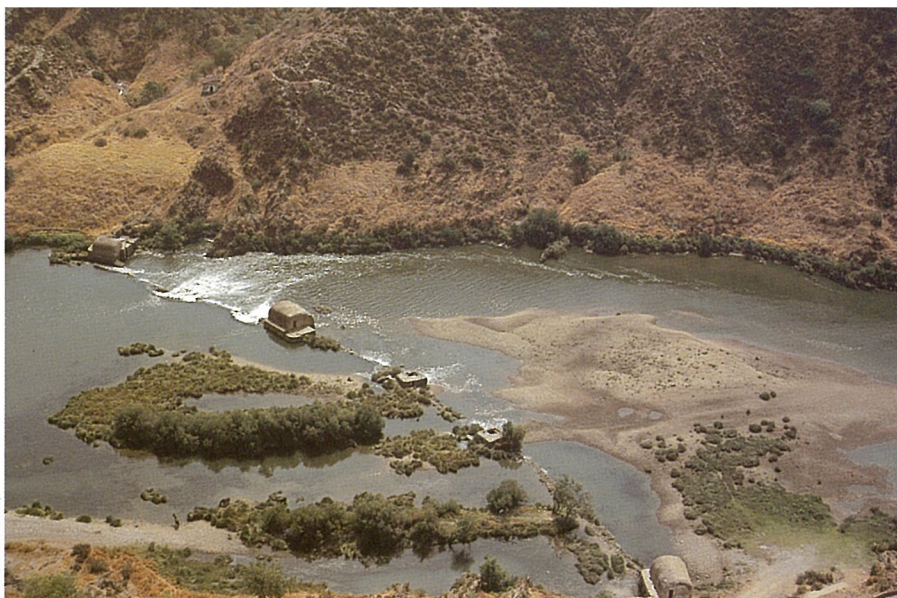
Aljustrel (vista geral)



Foto: ANTÓNIO CUNHA

Minas de S. Domingos (vista geral)

Foto: ANTÓNIO CUNHA



As azenhas do Guadiana (junto a Mértola)

Foto: ANTÓNIO CUNHA

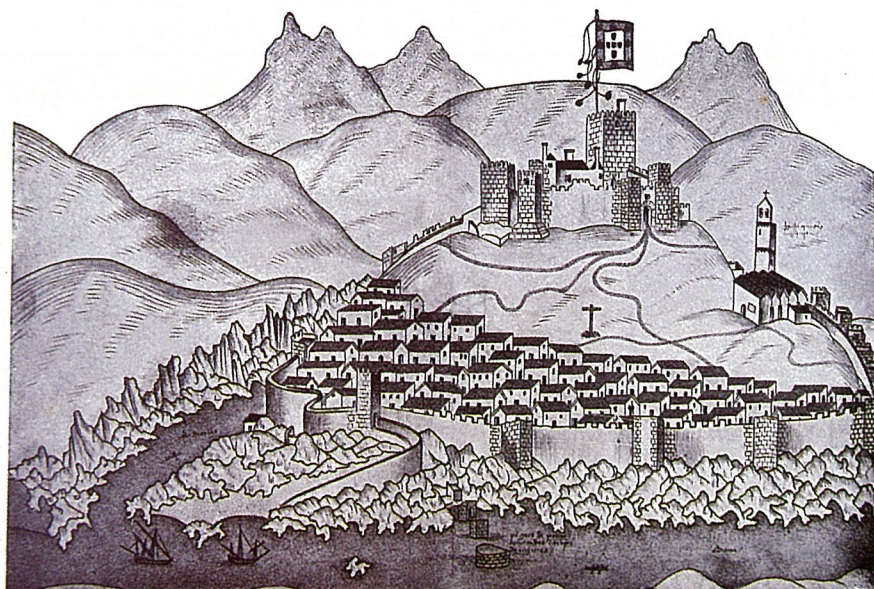


Os canais da Brava (Guadiana - perto da Corte Gafo)



foto: ANTONIO CUNHA

O Guadiana - Corredoura



MERTOLA — Vista tirada da banda do sueste

foto: ANTONIO CUNHA

Reproduções do Livro das Fortalezas de Duarte Darmas



Bibliografia:

- BOIÇA, Joaquim (1994), "Topografia histórica de Mértola. As ocupações funcionais do terreiro junto à Porta da Ribeira, da época medieval à contemporânea: Capela de Santiago - Igreja da Misericórdia - Espaço Museológico" in *Arqueologia Medieval*, nº 3, Porto, Edições Afrontamento, pp. 47-60
- BOIÇA, Joaquim (e BARROS, Maria de Fátima) (1995), *As terras, as serras, os rios. As Memórias Paroquiais de 1758 do Concelho de Mértola*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola
- BOIÇA, Joaquim (BARROS, Maria de Fátima e GABRIEL, Celeste) (1996), *As comendas de Mértola e Alcaria Ruiva. As visitas e os tombos da Ordem de Santiago - 1482-1607*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola
- DELGADO, Manuela (1992), *Cerâmicas romanas tardias de Mértola originárias do Médio Oriente* in "Arqueologia Medieval", nº 1, Porto, Edições Afrontamento, pp. 125-133
- DIAS, Manuela Alves (1993), "Epigrafia" in *Museu de Mértola - Basílica Paleocristã*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 103-138
- ENCARNAÇÃO, José d' (1984), *Inscrições romanas do Conventus Pacensis*, 2 vols., Coimbra, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras
- ENCARNAÇÃO, José d' (1994), "Achado arqueológico confirma Myrtilis romana" in *Diário do Alentejo*, Beja, 29.12.94, p. 2
- GARCIA; João Carlos (1982), *Navegabilidade e navegação no Baixo Guadiana*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos
- GARCIA; João Carlos (1986), *O espaço medieval da Reconquista no Sudoeste da Península Ibérica*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos
- MACÍAS, Santiago (1993), "Um espaço funerário" in *Museu de Mértola - Basílica Paleocristã*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 31-62
- MACÍAS, Santiago (1996), *Mértola Islâmica. Estudo histórico-arqueológico do bairro da alcáçova (séculos XII-XIII)*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola
- REGO, Miguel (coord.) (1996), *Mineração no Baixo Alentejo*, Castro Verde, Câmara Municipal de Castro Verde
- TORRES, Cláudio (1987), *Cerâmica islâmica portuguesa*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola
- TORRES, Cláudio (1992), "Povoamento antigo no Baixo Alentejo. Alguns problemas de topografia histórica" in *Arqueologia Medieval*, nº 1, Porto, Edições Afrontamento, pp. 189-202
- VEIGA, Sebastião Estácio da (1880), *Memória das antiguidades de Mértola*, Lisboa, Imprensa Nacional